



HEROÍNAS E VILÃS NOS CONTOS DE FADA: METAMORFOSES LITERÁRIAS E CINEMATOGRÁFICAS

Luiza Bernadete Faria da Silva (UNEMAT)

RESUMO: Analiso três obras literárias infantis de diferentes períodos: *Branca de Neve e os Sete Anões*, dos Irmãos Grimm, *Frozen uma Aventura Congelante*, adaptação do conto “A Rainha da Neve”, de Hans Christian Andersen, e *Antiprincesas I*, de Nádia Fink. Duas delas já foram adaptadas para o cinema pela Disney World Pictures. Seleccionamos essas obras porque elas apresentam semelhanças tanto na estrutura narrativa quanto na articulação dramática, oferecendo subsídios a um estudo comparatista consistente. Nosso objetivo consiste em analisar a figura feminina nas narrativas, procurando compreender os elementos do cotidiano atual em relação ao fictício. As análises mostraram que as novas formas de contar histórias se inscrevem em um novo paradigma para a mulher, em que ela se constitui pela diferença dos estereótipos instaurados pelos contos de fadas de séculos anteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fada; Literatura e Cinema; Heroínas e Vilãs; Metamorfozes literárias; Literatura Comparada.

1. Introdução

Este artigo tem o objetivo de analisar, na perspectiva da Literatura Comparada, as obras: *Branca de Neve e os Sete Anões*, dos Irmãos Grimm; *Frozen uma Aventura Congelante*, adaptação do conto “A rainha da neve”, de Hans C. Andersen; e *Antiprincesas I*, de Nádia Fink. A proposta é comparar as narrativas para investigar os elementos do cotidiano atual com o fictício, mostrando como a mulher vai se constituindo em cada uma das obras, para isso faremos um percurso sobre o surgimento dos contos infantis, abordando sobre os contos de fada e sua importância para a formação das crianças, até as adaptações pela indústria cinematográfica. Em seguida, detemos o nosso olhar sobre as princesas e nos seus efeitos na constituição de um padrão para as meninas, bem como o surgimento de um novo paradigma que quebra com esse estereótipo constituído pelos contos de fada.

2. História dos contos de fada

A criança é um ser cuja identidade precisa ser formada para que com o tempo vá se constituindo como sujeito. Primeiramente ela precisa ser inserida em um mundo de “faz-de-conta”, de uma comunicação espontânea e direta para ser colocada aos poucos na fantasia do adulto. Ouvir histórias infantis é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é a possibilidade de descobrir o imenso mundo dos conflitos em que se vive, por meio da história contada a criança pode viajar o mundo, conhecendo novos lugares, aprendendo um pouco sobre algumas disciplinas como filosofia, política, ética, sem necessariamente nominá-las, e assim, as crianças vão entendendo o mundo por meio dos olhos do narrador e das experiências vividas por cada personagem dentro da história.

Os contos infantis surgiram no século XVII, na França, inicialmente de tradição oral, posteriormente eles foram organizados pelo poeta e advogado Charles Perrault e amplamente difundidos no século XVIII, pelos Irmãos Grimm.

Conforme Fink (2015), essa nova proposta da Literatura Infantil Contemporânea abordada sobre as personagens dos dias atuais, discute os perfis culturais que tematizam questões de identidade, transformação social, mostrando ainda um entrelaçamento de narrativa e ilustração, fazendo da personagem um elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e aos acontecimentos da sequência narrativa, que movimenta em um tempo e espaço específico, histórias comuns de conteúdo informativo. Trata-se de um projeto esquemático que pretende apreender a realidade histórica, fazendo com que o texto artístico possibilite apresentar ao leitor uma obra pluralista. A mudança de tendência de gênero da literatura dependerá da habilidade do escritor, porque escrever para criança não significa escrever infantilmente ou escrever um texto simplório, essa relação personagem no texto ganha relevância nessa construção, a nova versão literária, atualiza ou reinterpreta questões como a formação de novos valores, misturando realidade e fantasia no clima de “Era uma vez”. Essas transformações estruturais correspondem a uma nova concepção de leitura.

Essa nova tendência confronta os personagens consagrados pela tradição, marcado por uma hierarquia que levava do herói ao vilão, mostrando que o universo ficcional pode se identificar com algumas ações de pessoas humanas.

Ao refletir sobre a obra literária *A Branca de Neve e os Sete Anões*, que posteriormente foi transformada em filme, *Frozen – uma aventura congelante* que após a criação cinematográfica foi transformada em livro e analisar o livro da nova “Coleção

Antiprincesas - *Frida Kahlo*”, observa-se uma diferença muito grande entre o livro estruturado e o seu conteúdo.

Os dois filmes analisados, ao longo das histórias, ascendiam ou descendiam na pirâmide social, geralmente os personagens se apaixonam por alguém da mesma classe social. A obra *A Branca de Neve e os Sete Anões*, por exemplo, conta a história de uma princesa que se apaixona por um príncipe que ela encontrou brevemente. No filme *Frozen uma aventura congelante*, a história gira em torno de reino, príncipe e princesas, com poucas diferenças do filme *A Branca de Neve e os sete Anões*, produzido em 1937.

As histórias de contos de fadas na grande maioria começam com a morte dos pais ficando as crianças órfãs, por mais natural que seja o ciclo da vida, as histórias procuram mostrar essa temática. Ou seja, a criança tem curiosidade de saber o processo natural da vida, do nascimento até a morte, saber sobre seu corpo, sua sexualidade, suas relações quando são fáceis ou conflituosas, sempre elas querem encontrar respostas para suas indagações. As histórias relatadas nos contos de fadas abordam apenas alguns pontos dos questionamentos feitos pelas crianças. Normalmente é abordado o lado onde o processo natural da vida acontece do nascimento até a morte, geralmente começa com a morte da mãe, ficando uma criança órfã. Nada mudou nas versões produzidas pela Disney, o enredo gira em torno da temática do bem e do mal, sendo assim, temos que orientar as crianças para encontrar significado na vida, mas é através de experiências vividas, que podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo, dando uma significativa contribuição para vida.

Os príncipes e princesas são personagens predispostos a aventuras, desempenham papéis de heróis, sempre resgatando alguém. As princesas geralmente caracterizadas pelos atributos femininos de bela, virtuosa, honesta e generosa, recebem como merecimento um belo prêmio o “príncipe encantado”, marcando dessa forma a passividade e a função social de organização familiar que constrói um imaginário de felicidade atrelado à realização matrimonial. Observa-se nessas histórias que há sempre uma busca de realização interior pelo amor, essa busca parece ser a problemática existencial, e sempre aparece com um final feliz. O herói conquista o objetivo almejado, os protagonistas sempre pertencem a classe mais abastada, concedendo pouquíssimo espaço para os personagens identificados como pobres.

As princesas dos contos de fadas e dos filmes da Disney das obras analisadas, em nenhum momento representaram a diversidade e nem favoreceram atitudes mais inclusivas e a aceitação das diferenças. Dessa forma, essas histórias acabam por induzir

crianças a um padrão estético que nem sempre ela atende. As crianças podem se sentir, muitas vezes, desvalorizadas, o que não contribui em nada para a sua autoestima e para a aceitação das diferenças, excluindo, dessa forma, as crianças que não estão inseridas nesse tipo de padrão social. Diferenças no qual incentiva, a exclusão de determinadas classes sociais, portadores de deficiências, etnias e até mesmo outros grupos na sociedade. Nos contos de fadas há um grande silenciamento das questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação da mulher, e quaisquer outras mazelas da sociedade. Trata-se de um discurso monológico, persuasivo e não abre brecha para as indagações, para o choque das verdades e para os desafios das diversidades.

A visualidade imagística através dos desenhos, pinturas e fotografias ganha igual ou maior importância do que o texto, que passa a ser a fusão de palavras e imagens, ou melhor, narrativa em imagens, uma história que desafia o olhar e a atenção criativa do leitor para compreender a leitura. Entretanto, esse novo modelo não é simplesmente uma nova forma de arte, mas uma nova maneira de pensar, agir ou viver. Tornando-se uma revolução de ideias, expressando uma linguagem revolucionária, rompendo com os códigos linguísticos antigos para instaurar códigos novos, ou seja, trata-se de uma mudança de paradigma do modelo posto até hoje. É um novo pensar, um novo sentir, uma nova atitude diante da vida que estão sendo engendrados agora, é uma época de transformações contínuas, em todos os níveis da sociedade, do político ao cultural. Esse tipo de Literatura Infantil contemporânea vem revelando como um fértil campo de experimentação do verbal e visual de novos modos na construção de narrar histórias reais.

Os contos de fadas passam pelo mundo da fantasia, essa boa brincadeira proporcionada pela leitura tem um fundamento importante e vai além do entretenimento. O mundo ficcional, que tem a função de um brinquedo infantil que é o de imaginar, fingir, criar, fantasiar, fazendo um papel importante que vai além do prazer de ler, de proporcionar a paz, que as leituras nos trazem. Ao lermos uma narrativa infantil, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo a respeito do mundo real. O mundo da fantasia sempre começa com a expressão “Era uma vez...” e terminam com o enunciado “e viveram felizes para sempre”.

Conforme Machado (2002),

Era, por definição, o lugar que não há, o não-lugar, que recebeu o nome de *Utopia* (topos significa lugar em grego), que também não existia, totalmente inventada, mas ficou para sempre em todas as línguas. *Utópico* virou sinônimo de sonho coletivo bom, estado social desejável. Porque a vida em *Utopia* era perfeita, com uma

organização social justa e todos os problemas políticos e econômicos perfeitamente resolvidos (MACHADO, 2002, p. 60).

Nesse sentido, contar histórias não é apenas uma atividade lúdica, mas um instrumento importante na transmissão de conhecimentos. A leitura de contos contribui para o desenvolvimento da imaginação, da memória, da linguagem, da capacidade de reflexão e da construção da identidade. A identidade da criança precisa ser formada para que ela se constitua como sujeito, na busca de um novo papel social diante de valores velhos e novos que lhes aparecem igualmente válidos. A questão da identidade prende-se ao imaginário de igualdade, quando, na verdade, a identidade pressupõe a diferença e a heterogeneidade.

Os irmãos Grimm ajudaram a trazer até os nossos dias alguns contos de fada que se tornaram clássicos, um deles é *A Branca de Neve*. Algumas décadas depois, outra grande antologia de contos de fada surgiu também na Europa, mais exatamente, na Dinamarca através do autor Hans Christian Andersen com o conto *A Rainha da Neve*.

Cada narrador ao contar a estória, introduzia e acrescentava elementos que a tornavam mais significativa para ele próprio e para os ouvintes, a quem conhecia bem. Todas as pessoas necessitam de uma vida de fantasia, para que possam apreciar a vida, tornando um trabalho árduo em algo agradável. Os contos de fada descrevem estados internos da mente por meio de imagens e ações, vejamos:

Em qualquer caso, logo que a estória começa, o herói é projetado em perigos graves. E é assim que a criança vê a vida, mesmo quando na verdade sua vida prossegue sob circunstâncias favoráveis, no que se refere a eventos externos. Para a criança a vida lhe parece uma sequência de períodos de vida calma que são interrompidos súbita e incompreensivelmente quando ela é lançada em perigos imensos. Ela se sentia segura, sem nenhuma preocupação no mundo, mas num instante as coisas mudam, e o mundo amigável transforma-se num pesadelo de perigos (BETTHELHEIM, 2006, p. 179).

E ainda o autor,

Como o conto de fadas promete o tipo de triunfo que a criança almeja, ele é psicologicamente convincente, à diferença do conto “realista”. E porque afirma solenemente que o reino será dela, a criança está pronta a acreditar no que o resto da estória de fadas ensina: que devemos deixar o lar para encontrar nosso reino; que ele não pode ser obtido imediatamente; que não podemos fazer tudo sozinho e necessitamos de outros que ajudem; e que, para conseguir a ajuda deles, devemos satisfazer algumas de suas exigências. Exatamente porque a promessa última coincide com

os desejos da criança de vingança e de uma existência gloriosa, o conto de fadas enriquece a fantasia da criança sem qualquer comparação. (2006, p.164)

Há sempre um mistério, um enigma ou um interdito superlativamente forte para ser superado, decifrado ou vencido pelo herói. Têm seus próprios meios de lidar com os elementos da estória que vão ao encontro às suas necessidades emocionais. A esse respeito, o teórico afirma:

Nunca se deve “explicar” os significados dos contos para as crianças. Todavia, a compreensão do narrador quanto à mensagem do conto de fadas é importante para a mente pré-consciente da criança. A compreensão do narrador sobre os vários níveis de significado da estória facilita à criança extrair pistas dessas estórias para entender a si própria. Cabe à sensibilidade do adulto selecionar as estórias mais apropriadas ao estado de desenvolvimento da criança, e às dificuldades psicológicas específicas com que ela se defronta no momento (BETTELHEIM, 2006, p.190).

Por isso, o tom sério e trágico dos contos de fada pressupõe a predisposição para a interiorização das experiências e o amadurecimento após o conflito, esses processos internos são traduzidos em imagens visuais, bem como:

Os contos de fadas começa com o herói à mercê dos que o desprezam e às suas habilidades, que o tratam mal ou mesmo ameaçam sua vida, como faz a rainha malvada em Branca de Neve. À medida em que a estória se desenrola, o herói é frequentemente forçado a depender de amigos que o ajudam: criaturas do mundo subterrâneo como os anões em Branca de Neve. Quando o conto termina, o herói dominou todas as provas e apesar delas, ele permaneceu fiel a si próprio, ou, ao passar por elas exitosamente, adquiriu sua egoicidade verdadeira (...) Nos contos de fadas, à diferença dos mitos a vitória não é sobre os outros mas apenas sobre si mesmo e sobre a vileza. Se nos dizem algo sobre o governo destes reis e rainhas, é que reinaram com sabedoria, pacificamente, e que viveram felizes. É nisto que deveria consistir a maturidade: uma pessoa a se governar sabiamente, e, como consequência, vivendo feliz (BETTELHEIM, 2006 p.159).

Os contos foram incorporando valores modernos, deixando muitas vezes de ser apenas entretenimento, para assumir a proporção de lição de moral ou mensagem de superação.

3. Os contos de fadas na indústria cinematográfica: análise das obras

As narrativas dos contos de fada ganham outra proporção quando recebem o interesse da indústria cinematográfica. As produções da Disney rendem bilheteria invejáveis, tendo em vista que as produções são de grande qualidade, uma indústria consolidada. Os filmes atingem um público bem maior que as literaturas, nesse sentido podemos dizer que esse fato se dá, porque, o filme é constituído por um grande número de imagens, que provoca a sensação de realidade, específica do cinema, e que se manifesta principalmente na ilusão de movimento, reagimos diante da imagem fílmica como diante da representação muito realista de um espaço imaginário que aparentemente vemos.

No cinema a narrativa é mais complexa, pois compreende imagens, palavras, menções, escritas, ruídos e músicas. Nos filmes, existe uma trilha de imagens e sons, que conta uma história, portanto essa ficção por meio da imagem em movimento é que torna possível o encontro do cinema e da narração. O filme se aproxima do sonho sem, contudo, confundir-se com ele, o espetáculo torna um pouco fantástico esse caráter de realidade, pela relação que estabelecem com o real ou com a produção de imagens verossímeis. O cinema é capaz de captar e compor mundos sensíveis.

A Disney Pictures têm constantemente modernizado a história, adicionando elementos e, muitas vezes, atenuando os pormenores mais intrigantes, de acordo com as exigências sociais e os valores de cada época. O cinema também é permeado de teorias que ajudam a analisar um objeto, uma teoria descritiva que esforça por explicar fenômenos observáveis nos filmes. Ou seja,

... a estética do cinema abrange a reflexão sobre os fenômenos de significação considerados como fenômenos artísticos. A estética do cinema é, portanto, o estudo do cinema como arte, o estudo dos filmes como mensagens artísticas. Ela subentende uma concepção do “belo” e, portanto, do gosto e do prazer do espectador, assim como do teórico (AUMONT, 1995, p.15).

A obra *Branca de Neve e os sete anões* se tornou o primeiro filme de desenho animado de longa metragem 100% desenhado em células em todo o mundo e que, apenas por esse fato, já pode ser considerada como revolucionária. Mas, *Branca de Neve* conseguiu ir além, pois técnicas de profundidade foram desenvolvidas para esse desenho que nunca antes haviam sido usadas nos desenhos de curta metragem, mesmo aqueles vindos da própria Disney. Já o filme *Frozen, uma Aventura Congelante*, baseado na estória da *Rainha da neve*, de Hans C. Andersen, também da Disney, foi considerado a melhor animação do estúdio desde o Renascimento da Disney.

Os estúdios da Disney trabalharam na adaptação da história original anos a fio para ser concluído, bem como para adaptar o conto *A Rainha da Neve* para o cinema com o título *Frozen*. O filme traz a tragédia em excesso, infelicidade demais, e diversos momentos que são apavorante, aterrorizantes, pois, é um filme nada inocente, mas ao final concluem com o dizer “viveram felizes para sempre”. Sobre isso, Eisenstein diz:

A montagem é um componente tão indispensável da produção cinematográfica quanto qualquer outro elemento eficaz do cinema. Os filmes enfrentam a missão de apresentar não apenas uma narrativa logicamente coesa, mas uma narrativa que contenha o máximo de emoção e de vigor estimulante (EISENSTEIN, 1990, p. 15).

Com efeito, o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, exibido pela primeira vez em 21 de dezembro de 1937, não apenas mudou a indústria do cinema, como também tudo o que imaginamos sobre contos de fada e contar histórias. A Branca de Neve é um dos contos de fada mais conhecido do mundo da fantasia, sua narrativa remonta há séculos. Conto originário da tradição oral alemã, compilado pelos Irmãos Grimm, que guardam algumas diferenças das muitas versões que se popularizaram antes e após a compilação feita em seu livro.

Frozen também é um filme de animação musical produzido pela Walt Disney Pictures, que como dissemos foi inspirado no conto de fada *A Rainha da Neve*. Trata-se de uma narrativa sombria de Hans Christian Andersen, célebre poeta e novelista dinamarquês, um dos mais famosos escritores para criança. Ao escrever contos infantis, Hans preocupou-se essencialmente com a sensibilidade exaltada pelo Romantismo, tratando de maneira nostálgica suas histórias. Na ternura que ele demonstra, em suas estórias, pelos pequenos e desvalidos, encontramos a generosidade humanista e o espírito de caridade próprios do Romantismo, há uma sábia mistura entre o maravilhoso e o realismo, o elemento mágico está em tudo, e tão naturalmente presente, que as coisas passam a acontecer em um espaço onde não existem fronteiras entre o real e a fantasia.

Nos filmes adaptados pela Disney, as personagens sofrem constantes e terríveis transformações, sempre em consequência da vontade maléfica e todo-poderosa de alguém com poderes sobrenaturais, sem que elas tenham culpa de nada e nem mesmo esbocem um gesto de defesa ou revolta. Podemos observar o enredo da aventura, a combinação de fantasia e realidade. O ato de amor verdadeiro é a chave que representa o poder nas estórias, que irá mostrar aos pequenos alguns valores: que não existem necessariamente vilões e mocinhos, porque ambos podem existir dentro de cada pessoa; que não há regras

para se apaixonar e que as meninas não precisam de herói para vencer as suas lutas, elas sozinhas podem alcançar seus objetivos e serem bem-sucedidas, deixando sobressair as divas poderosas que têm dentro de si. E o mais importante, que o amor da família é o maior amor de todos.

A seguir nos propomos analisar a nova coleção de livros infantis “Antiprincesas”, que tem seu primeiro exemplar intitulado *Frida Kahlo*. Vem com a proposta de apresentar histórias sobre a vida de mulheres latino-americanas que foram protagonista em suas áreas. O mote da coleção é inspirar as meninas que elas podem ser muito mais que princesas, busca mostrar um padrão de mulher bem diferente dos estereótipos das princesas da Disney. Trata-se de um livro que vem desconstruindo o clichê de princesa, começando pelo título “Coleção antiprincesas”, desobedecem ao modelo clássico das princesas que são modelo de virtude, que contrapõem ao padrão básico feminino de princesa. Essa literatura busca fortalecer valores como liberdade e exterminar preconceitos associados a gênero, a começar pela eterna procura pelo príncipe encantado, retratado há muito como sinônimo de felicidade em contos de fadas e filmes da Disney.

A coleção vem romper com paradigmas, questiona os padrões de beleza e o mito do amor idealizado. O amor nessa literatura pode existir, mas, não é eterno nem a única fonte de felicidade. Essa literatura procura quebrar com a ideia de um mundo perfeito e idealizado. A ideia é mostrar que nem tudo está predeterminado e que as mulheres não estão incompletas para que procurem a sua outra metade. As antiprincesas se destacam por outras qualidades, pela força, inteligência, capacidade. A coleção não pretende mudar a identidade das meninas, mas busca ampliar as possibilidades do que é ser menina, livrando-as desse encarceramento imposto pelo modelo de princesa, é uma forma de fazer com que as meninas reflitam o que é ser mulher, e, tentar mostrar que nenhuma delas precisa de um príncipe encantado para ser feliz.

Esse tipo de literatura proposta pela autora Nádía Fink quebra com o padrão de gênero imposto pelos contos de princesas tanto na obra literária como na arte cinematográfica. Para isso, a proposta inovadora de Nádía Fink criam mecanismos para formar as meninas com o objetivo de torná-las livres de preconceitos, empoderadas e com a convicção de que são capazes de mudar o mundo. E para isso elas não precisam de um homem ao lado, a proposta é pôr em questão os conceitos legitimados pelos contos de fadas e pelos filmes clássicos da Disney. A ideia é desconstruir o que historicamente, foi implantando na sociedade, de que as meninas devem ser educadas para serem princesas:

indefesas e dependentes de um suposto “príncipe encantado”. Sendo educadas desde pequenas, para ser princesas, a menina tem que deixar aflorar a feminilidade, porque para ser uma princesa, é necessário ser agradável, bonita, cheirosas, atraente e encantadora, essa maneira de pensar não é tão simples assim, ela vai de encontro com os padrões de gêneros.

O livro da Coleção Antiprincesas sobre a “Frida Kahlo” vai contra os contos de fada onde mostram a passividade feminina e a eterna espera pelo príncipe encantado, que as salvará de uma vida de trabalho e tédio. A proposta é mostrar a mulher dos dias atuais, e não simplesmente aquelas que ficam em casa, esperando um príncipe vir salvá-la.

A narrativa vai desenvolver determinada ideia, propondo algumas condutas que parecem mais adequadas à sociedade, trabalha a pluralidade de vozes da personagem de maneira lúdica, a relação intertextual e intratextual que estabelece, enriquece o diálogo tornando-o rico pela discussão dos valores estabelecidos e pela forma de viver. O perfil do personagem contemporâneo é percebido através dessa nova articulação textual que incorpora a criatividade do que há de positivo na escrita. Frida Kahlo cumpre várias funções dentro da narrativa, da eminentemente lúdica à de denúncia social. A criança ao ler esse tipo de literatura e a se ver simbolizada no mundo ficcional, pode estabelecer uma relação entre a vivência da heroína com o mundo atual, situação que revoluciona a concepção do gênero, crítica social e a atitude de seriedade em relação aos acontecimentos na infância faz com que o herói moderno traga em si a ambivalência de valores, agora relativizados.

A personagem Frida Kahlo, cumprirá uma das funções básicas da obra de arte que é a de simbolizar o real, a ela é concedido expressar seus anseios, como mulher moderna, é concedido o direito de expor sua voz. Uma renovação da linguagem, das próprias palavras e dos seus contextos, desmistificando o protótipo de mulher idealizado pelos contos de fada. É uma história narrada por um certo ângulo, a sequência está encadeada por ações vividas pelo personagem, situada em um determinado espaço, com uma linguagem especial, durante um tempo específico, pretendendo ser lida ou ouvida por um determinado leitor/ouvinte.

A vida da artista mexicana é narrada numa relação entre texto-ilustração-espaço, fazendo um diálogo entre a vida e a obra, onde as ilustrações não desintegram do texto, não perde a unidade, usando dessa forma, os recursos gráficos bem elaborados.

Um novo caminho se abre para a invenção da literatura destinada às crianças, constituindo uma área híbrida de criação, fusão das multilinguagens: literatura, desenho, pintura. Essa

maneira lúdica e simples da literatura está difundindo à literatura infantil no âmbito da educação. Realidade e imaginação adquirem igual importância no novo universo literário infantil, em que se cruzam linhas narrativas bem diferentes entre si desde a que se volta para o real objetivo, fixado diretamente por um olhar crítico e questionador, até a indefinição de fronteiras entre a realidade e o imaginário.

4. Para concluir, algumas palavras...

Diante das reflexões aqui realizadas, podemos dizer que em qualquer um desses registros está patente ou latente a valorização da palavra literária (ou imagem) como agente de criação de novas realidades ou de nova consciência-de-mundo que oferece ao pequeno leitor histórias vivas e bem-humoradas buscando diverti-las e ao mesmo tempo torná-las conscientes de si mesmas e do mundo com que devem entrar em relação dinâmica e afetiva. A concepção da literatura como um fenômeno de linguagem, resultante de uma experiência existencial/social/política/cultural pondera-se o seguinte:

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar o nome disso tudo e muito menos achar que cara de aula (ABRAMOVICHI, 1997, p. 21).

A esse respeito, Frida Kahlo pode ser considerada uma mulher à frente de seu tempo, única, intensa e cheia de vida mesmo com todas as dificuldades enfrentadas desde a sua doença até traições. É considerada um ícone das artes e do universo feminino. Revestida de paixão pela vida, vive uma grande história de amor por Diego Rivera, bem como a política e a arte fizeram parte da sua vida. Uma mulher desafiadora, vaidosa, apaixonada e com uma capacidade desmedida de amar, deixou valores em suas palavras que ultrapassaram fronteiras. Foi marcada pelos grandes golpes que a vida lhe proporcionou, tornou-se um Ícone da pintura mexicana. Por isso, o livro traz a proposta de valorização da imagem ou da ilustração como linguagem altamente sedutora e essencialmente formadora da consciência-de-mundo das crianças, porque estimula o olhar e o pensar-fundamentais para a descoberta e conhecimento-de-mundo. Uma história que mexe com conteúdos emocionais, sexuais, sociais. Que fala de apetites e de impedimentos vitais, que podem apenas ser retardados, adiados. Mas que um dia são acordados, despertados e que desejam ser satisfeitos. Com efeito, são histórias que apresentam metamorfoses ou transformações por encantamento.

A história se reveste de um significado mítico, a absoluta liberdade em aliança com a natureza são, geralmente, as propostas das histórias infantis. O mundo da metamorfose nada mais é que o resultado da fusão do mundo real e a mágica, esse mundo mágico, esse mundo de conto de fadas, onde convivem com seres maravilhosos, seres superiores, privilegiados pela realeza, como reis, rainhas, príncipes e princesas e seres inferiores como os criados, os vassalos, onde exercem a função considerada servil. Essa transformação está ligada à ideia de evolução da humanidade. Segundo Novaes Coelho,

Essa opção histórico-cultural para o enfoque da Literatura mostra a importância que atribuímos ao Passado ou às Tradições herdadas, como o chão que nos deve servir de apoio para caminhada inovadora do Presente, atento à construção do Futuro. Sem o claro ou crítico conhecimento de ontem, dificilmente o hoje pode evoluir e preparar um amanhã que lhe seja superior em projetos, inventividade, realizações, evolução, etc. (1991, p. 11).

A Literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico. É uma vivência intensa e ao mesmo tempo é a contemplação crítica das condições e possibilidades da existência humana. Literariamente não podemos dizer qual é a forma melhor ou pior, na verdade são diferentes formas e dependem das relações de conhecimento que se estabelecem entre as pessoas e o mundo em que vivem. A realidade concreta e a realidade imaginada, onde os sonhos e fantasias estão presentes. De acordo com Coelho (2002), é a transfiguração de uma realidade humana, transportada para o plano da realidade literária.

Em toda narrativa há presença de personagem ativo, é o elemento principal da efabulação e nós nos prendemos a ele, porque ele é a parte central. A importância do personagem está no mosaico de ações com que ele se defronta e que representam o questionamento do indivíduo consigo mesmo e com o universo que o cerca.

O espaço textual pela dialética de estruturas intertextuais e extratextuais é lugar de conflito, como bem define Tânia Franco Carvalhal em seu livro *Literatura Comparada: textos fundadores...*,

O 'diálogo' entre os textos não é um processo tranquilo nem pacífico, pois, sendo os textos um espaço onde inserem dialeticamente estruturas textuais e extratextuais, eles são o local de conflito, que cabe aos estudos comparados (1986, p. 53).

Branca de Neve e os Sete Anões foi o primeiro longa-metragem de animação da história do cinema, o filme não apenas mudou a indústria do cinema, como também tudo o que imaginamos sobre contos de fada e contar histórias. *A Branca de Neve...* é um dos

contos de fada mais conhecido do mundo da fantasia, sua narrativa remonta há séculos e, que guardam algumas diferenças das muitas versões que se popularizaram antes e após a compilação feita pelos Grimm em seu livro.

Entretanto, no filme os personagens são as princesas, rainhas, príncipes, significando a fantasia do poder e os conflitos dos relacionamentos interpessoais. O narcisismo da madrasta é demonstrado pela sua busca de confirmação quanto à beleza no espelho mágico muito antes da beleza de Branca de Neve ser explicitada, tornando uma ameaça na história onde duas posições marcantes ganham destaque: os que dominam e são dominados e o confronto dualista entre bons e maus, feios e belos, fracos e fortes.

A estória de “*Frozen*”, contada no cinema, mostra que os personagens vivem num mundo capitalista, de consumo. Esse paradoxo – bruxa-sociedade moderna – torna mais interessante os episódios. É um filme de animação inspirado no conto de fada “*A Rainha da Neve*”, é uma narrativa sombria. O autor na ternura que demonstra, em suas estórias encontramos a generosidade humanista e o espírito de caridade próprios do Romantismo, onde há uma sábia mistura entre o maravilhoso e o realismo, o elemento mágico está em tudo, e tão naturalmente presente, que as coisas passam a acontecer em um espaço onde não existem fronteiras entre o real e a fantasia.

A primeira história da “Coleção das Antiprincesas Frida Kahlo”, conta a história real da personagem, narrando todas as tristezas e alegrias poeticamente, essa leitura feita através de texto e imagem é proporcionado ao leitor viajar entre outros mundos, tais como, da fantasia, da pintura, da geografia, da sociologia. É uma época em que o social, enquanto tema, revolucionava a própria escrita da história, mesmo enraizado em seu tempo, anuncia a modernidade.

Não há ausência de limites precisos entre a realidade e fantasia. Representam o avesso do puritanismo, da hipocrisia social e de valores capitalistas sedimentados. Estão sempre prontos para burlar e transgredir o sistema institucionalizado. Valores, papéis sociais, relações amorosas são discutidos a partir desse diálogo transtemporal. A partir de sua história, Frida Kahlo avalia sua identidade a partir dela mesma e a partir do confronto com outras “vozes” que são projeções de egos sociais incorporados ou rejeitados. É um personagem do mundo contemporâneo em busca de sua própria identidade. E, nessa busca ela percebe que a vida é feita de múltiplos fragmentos.

Referências

- ABRAMOVICHI, Fanny, **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**, São Paulo: Scipione, 1997.
- AUMONT, Jacques... et al.; **A estética do filme**. Tradução Marina Appenzeller; revisão técnica Nuno C. P. de Abreu – Campinas, SP: Papyrus, 1995 – (Col. Of. de Art. e Forma)
- BAPTISTA, Mauro e Fernando Macarello (org.) – **Cinema Mundial Contemporâneo**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2008 – (Coleção Campo Imagético)
- BERTTELHEIM, Bruno – **A Psicanálise dos Contos de Fadas** – Tradução Arlene Caetano. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1980.
- CARDERMATORI, Lígia, **O que é Literatura Infantil**, São Paulo: Brasiliense, 2002.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada**. SP: Ática, 1986.
- COELHO, Nelly Novaes, **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo, Petrópolis, 2000 –Série nova consciência.
- COELHO, Nelly Novaes, **Literatura Infantil-Teoria-Análise-Didática**. São Paulo Moderna. 2000.
- COELHO, Nelly Novaes, **Panorama Histórico da Literatura Infanto/Juvenil das origens Indo-Europeia ao Brasil Contemporâneo**. 4ª ed. Série Fundamentos. Editora Ática. São Paulo, 1991.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. 13ª edição. Editora Ática. São Paulo. 1994
- DISNEY Enterprises. **Frozen**. 1ª edição Editora Melhoramento Ltda. São Paulo 2015
- EISENSTEIN, Sergei. **Eisenstein O Sentido do Filme**. Copyright 1990 da edição em língua portuguesa: Tradução: Tereza Ottoni. Jorge Zahar Editor Ltda. 2003 1 RJ.
- FINK, Nádia. **Frida Kahlo**. 2ª Edição. Sur Livro Florianópolis 2015
- KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**, São Paulo. Série Princípios, 1986
- PARENTE, André. **Cinema/Deleuze**. – Campinas, São Paulo. Papyrus, 2013 – (Coleção Campo Imagético)
- RAMOS, Alcides Freire, et al, **A História Invade a Cena**. Editora Hucitec – SP, 2008.
- Machado, Ana Maria, **Como e porque ler os clássicos desde cedo**/Ana Maria Machado – Rio de Janeiro; Objetiva, 2002
- The Walt Disney Company. Copyright 1993 **Branca de Neve e os Sete Anões**, Editora Manole Ltda. São Paulo, 1ª edição brasileira 1995.